Informativo da Sociedade Canoa de Tolda e do Baixo São Francisco

08
ANO 4

Mai/Jun
2010

A MARGEM

DISTRIBUIÇÃO GRATUITA

APA de Piaçabuçu - Foz do São Francisco
Feriado de 1o. de Maio

SEM LIMITES

Turismo predatório, desenfreado, sem regras: comprometendo, também, o patrimônio natural

Prainha de Penedo - Festa do Bom Jesus

«...nem entocada na Boca do Saco a gente num tá em paz...vidinha solitária, já num tem mais aquele rebanho de peixe, carujando e batendo quando as craibeira floravo...também...num deix'a gente quieta nem na piracema...e, subir pra onde, se num dá mais, mode tanta da barragem... óia que consegui chegar aos dez quilo, gorda, com muito filhote para botar neste rio de São Francisco...mas, o povo aí de fora paga caro por nóis...é arpão no lombo e real no bolso...»

tubarana arpoada na Boca do Saco - em extinção

É Prosa Ligeira

Todos os dias desabam levas e levas de turistas, tanto para a região da foz do São Francisco, como para o alto sertão, na região de Piranhas e Canindé. Quem mora nestas duas «pontas» do Baixo, não deixa de ver isso, é onde o movimento é maior. No final do dia, os ônibus lotados, puxando para Aracaju ou Maceió, o lixo vai ficando pelas praias e ruas, as cidades vão retomando seu rojão. Será que, para o morador local, tem mesmo futuro, o turismo assim? Em todo o Baixo, o principal atrativo turístico é a nossa paisagem: o rio em si, suas margens, a natureza e, também, a força cultural do lugar e suas pessoas. Pensando no patrimônio natural, se não é cuidado, é transformado para pior, na maior parte dos casos, degradado, vais desaparecendo. E, pense numa coisa difícil, cara de ser recuperar, que é a natureza. O turismo pode ser uma alternativa possível para a melhoria de vida das comunidades do Baixo São Francisco, se aplicado da forma certa, onde a prioridade seja, antes do turista, as pessoas do lugar, que participem de escolhas e decisões. Aí, sim, há mais chances das coisas melhorarem, mais um pouco.

A capa

O patrimônio natural do Baixo está em risco, isto não há dúvidas. Porém, na região da foz, com as atividades de produção de petróleo e viveiros de camarão (nos manguezais de Brejo Grande e Pacatuba) e o aumento desenfreado do turismo irresponsável, a situação é ainda mais preocupante. Por isso fizemos a montagem, onde em plena APA de Piaçabuçu, é clara a ausência de controle de pessoas no local. Por outro lado, uma festa como a do Bom Jesus, em Penedo, provoca uma enxurrada de gente, também sem controle, ficando lixo e degradação do São Francisco.

Imagem: Ionara Torres

O cartaz

São mais de dez anos de aquisição da **Luzitânia**. Por isso, achamos que seria interessante esta imagem da tolda, de 1999, após sua compra. Foi feita no Curralinho Velho, localidade do Poço Redondo, em Sergipe, defronte ao Mato da Onça. Na ocasião a canoa ainda navegava, mas em situação muito precária, fazendo muita água, quase afundando. Mas guardava sua beleza e características originais que foram mantidas com o restauro.

Imagem: Canoa de Tolda/Rio de Baixo

Expediente

COORDENAÇÃO PROJETO JORNAL A MARGEM: Carlos Eduardo Ribeiro Junior
REDAÇÃO E REVISÃO: Carlos Eduardo Ribeiro Junior, Paulo Paes de Andrade
CONCEPÇÃO GRÁFICA: Canoa de Tolda/Rio de Baixo - CEAV do Baixo São Francisco
EDITORAÇÃO: Antonio Felix Neto, Carlos Eduardo Ribeiro Junior, Daiane Fausto dos Santos
CORRESPONDENTES: Antonio Felix Neto e Regina Guedes (Alto Sertão)
COLABORARAM NESTA EDIÇÃO: Fabrício Vasconcelos, Ionara Torres
COORDENAÇÃO DE SEDE/BASE: Daiane Fausto dos Santos
LOGÍSTICA/DISTRIBUIÇÃO: Antonio Felix Neto, Daiane Fausto dos Santos
PONTOS DE DISTRIBUIÇÃO/RESPONSÁVEIS:
Piranhas - Fagna (82)36863145
Povoado Entremontes - Da. Cecília e Aldinho (82) 36866022
Povoado Cajueiro - Vandefátima (79) 88145203 e 88179217
Povoado Mato da Onça - Alciane (82) 91496273 e 96344917
Povoado Bonsucesso - Quitéria (82) 33381012
Povoado Ilha do Ferro - Toinho (82) 3624 8005 e 3624 8006
Pão de Açúcar - Gal (82) 99574221
Povoado Niterói - Antonio Felix Neto (82) 96339267
Com. Indígena Xocó da Ilha de São Pedro - Naná (82) 96051036 e Goinha (82) 96309404
Vila Limoeiro - S. Chico Marceneiro
Belomonte - S. Oliveira Canoeiro
Povoado Barra do Ipanema - Isabel e Cheila
Povoado Cazuqui - Denise Farias de Medeiros (79) 99715596
Gararu - Marta Maria e Beda da Tabanga (79) 98181121 e 99923740
Traipu - Jackson do Museu
Povoado Escuriais - Maguinho da Sucam (79) 3316 5009
Povoado Munguengue - Joelma de Marilene (82) 35361737/36
Povoado Tibiri - Da. Maria (82) 35556023
Povoado da Saúde - S. Evaldo da Associação de Pescadores
Povoado Penedinho - Petrucio do Pitu (82) 91315186
Ilha das Flores - João Pintor (79) 3337 1230
Povoado Potengy - Ana de Tonho do Cabeço
Brejo Grande - Josimar Coelho
Povoado Saramem - Adriano Corcel e Ceiça
Povoado Cabeço - Dinha da Cocada e Doca (82)9101 7990
Senador Rui Palmeira - Regina Guedes

IMPRESSÃO: Inforgraph - Gráfica e Editora
TIRAGEM: 4.000 exemplares

O informativo A Margem é uma iniciativa da Sociedade Canoa de Tolda. Cartas, sugestões, contribuições de interesse das questões do São Francisco são bem vindas - podendo ou não ter publicação integral. A reprodução de textos e imagens é permitida e incentivada, desde que sejam citados a fonte e o autor. Artigos com autoria não exprimem necessariamente a posição da editoria, da entidade ou do Projeto A Margem.

Material impresso com papel 100% Reciclado

FARÓIS

Do rio de cima, nos vem uma lição: o Projeto Manuelzão e o Comitê da Bacia Hidrográfica do rio das Velhas, o CBH-Velhas, com apoio das comunidades e municípios, lançaram o movimento contra o projeto de (mais uma!) barragem reguladora de vazão que seria construída pelo governo federal através da CODEVASF. Também o governo de Minas Gerais, publicamente, se posicionou contra o projeto (com a aprovação da deliberação pelo CERH - Conselho Estadual de Recursos Hídricos pois o rio das Velhas é de domínio do estado de Minas Gerais.)

Para as pessoas do Baixo São Francisco, assombradas por inúmeros projetos insensatos como o da barragem de Pão de Açúcar (que seria implantado pela CHESF), o documento abaixo é um grande exemplo. Em 2003/2004 a Canoa de Tolda com comunidades de todo o Baixo, elaborou e articulou um documento (com assinaturas de gente da foz ao sertão) que foi encaminhado para a então Ministra do Meio Ambiente, Marina Silva. Neste manifesto, ficava claro o desejo da população ribeirinha se ver livre de mais interferências de obras deste tipo aqui no Baixo. Com a questão das obras do PAC-Programa de Aceleração do Crescimento, do governo federal, não é delírio imaginar a reativação do projeto do barramento de Pão de Açúcar. Por esta razão é tempo de todos ficarem, muito, atentos.

Imagem: Arquivo Canoa de Tolda/Rio de Baixo

MOVIMENTO CONTRA A BARRAGEM NO RIO DAS VELHAS

Em 2009 a CODEVASF - Companhia de Desenvolvimento dos Vales do São Francisco e do Parnaíba- apresentou os projetos de cinco grandes barragens em MG, uma delas na calha do Rio das Velhas. No dia 24 de maio de 2010, em Consulta Pública realizada pelo CBH-Velhas em Senhora da Glória, distrito de Santo Hipólito/MG, toda comunidade presente manifestou-se contra a barragem.

Em reunião realizada em 10 de fevereiro de 2010, a Plenária do Comitê da Bacia Hidrográfica do Rio das Velhas-CBH-Velhas aprovou por unanimidade deliberação CBH-Velhas 01/2010 (acessível em www.cbhvelhas.org.br) que restringe a implantação de barramentos em sua calha, no trecho depois de Belo Horizonte até a foz do Rio das Velhas no Rio São Francisco. Esta aprovação do Comitê foi baseada em estudos de especialistas que mostraram a incoerência ambiental dessa obra e os riscos que ela representa para recuperação do Rio das Velhas e para a saúde da população que utiliza de suas águas. Essa deliberação do CBH-Velhas foi aprovada em 23 de junho de 2010 pelo Conselho Estadual de Recursos Hídricos - CERH, reafirmando a posição contrária de Minas Gerais.

Imagem: Arquivos Canoa de Tolda / Rio de Baixo

Os estudos realizados pelo CBH-Velhas demonstraram os grandes impactos negativos que esta obra causaria à qualidade das águas e aos peixes e também o potencial de que haja, a partir do reservatório, uma grande «exportação» de cianobactérias (algas prejudiciais à saúde humana) para todo o Rio São Francisco, colocando em risco a saúde das comunidades que utilizam suas águas para abastecimento humano, recreação, agropecuária e pesca.

Para fortalecer essa luta e impedir a construção da barragem, o CBH-Velhas, o Projeto Manuelzão, os Municípios e entidades atuantes na região e os produtores e trabalhadores rurais estão lançando o Movimento Contra a Barragem no Rio das Velhas.

Senhora da Glória/ Santo Hipólito
13 de agosto de 2010

PROJETO MANUELZÃO UFMG
CBH RIO DAS VELHAS
Informações podem ser adquiridas através do web-site http://www.cbhvelhas.org.br, do e-mail mob@cbhvelhas.org.br ou pelo telefone (31) 3409-9818

LEI DE INCENTIVO À CULTURA
MINISTÉRIO DA CULTURA

UM PROJETO
CANOA DE TOLDA
SOCIEDADE SÓCIO-AMBIENTAL DO BAIXO SÃO FRANCISCO

IMAGENS/REPORTAGENS VIA
RIO de BAIXO
Centro de Audiovisual do Baixo São Francisco

EMBARCAÇÕES/NAVEGAÇÕES VIA
Projeto LUZITÂNIA

APOIO CULTURAL NA IMPRESSÃO
Gráfica & Editora Inforgraph

APOIO LOGÍSTICO NA DISTRIBUIÇÃO
CODEVASF 5a. SR/AL

Canoa de Tolda - Sociedade Socioambiental do Baixo São Francisco
CNPJ 02.597.836/0001-40
Sede - R. Jackson Figueiredo, 09 - Mercado - 49995-000 Brejo Grande SE
Tel/Fax (79) 3366 1246

Alagoas - R. Mestre Francelino, 255 - Centro - 57210-000 Piaçabuçu AL
Tel (82) 3552 1570
End. eletrônico **canoadetolda@canoadetolda.org.br** e **ygara@ygara.arq.br**
Internet **www.canoadetolda.org.br**

sabonete bom, mas não lavou a memória

A partir de uma idéia original, imagens de tempos passados documentadas e preservadas

Texto: CANOA DE TOLDA

Imagens: Via Internet - http://carissimascatrevagens.blogspot.com e www.brasilcult.pro.br - edição digital Rio de Baixo

Difícil, encontrar informação ou imagens do Baixo São Francisco de algum tempo para trás, sobretudo aqui, na região. Com algumas e raras exceções, de pessoas que guardam preciosamente álbuns de família, recortes antigos de revistas ou jornais, provavelmente , a maior parte das informações aqui destas bandas estão espalhadas pela aí, Brasil afora. De vez em quando, topamos com fotos, artigos, recortes ou, pessoas conhecidas nos enviam exemplares . Esta busca faz parte da iniciativa de se montar um banco/acervo de imagens e sons (depoimentos, músicas, cantigas) do Baixo São Francisco, que retratem a memória do cotidiano. E, ***curiando*** *aqui e acolá, fomos bater numa forma muito interessante de representação do Baixo São Francisco, que foram as estampas - as figurinhas de hoje em dia - do sabonete Eucalol, marca famosa de produtos de higiene, que eram vendidos em todo o Brasil até os 60.*

Os sabonetes Eucalol eram fabricados no Rio de Janeiro, pelos irmãos Paulo e Ricardo Stern, imigrantes de origem judia que vieram para o Brasil em 1917. O sabonete, junto com a pasta de dentes e o talco, eram os principais produtos da empresa e eram encontrados nos comércios do Baixo São Francisco. Mas, havia um detalhe que prejudicava as vendas do sabonete: naquela época, os sabonetes fabricados no Brasil eram de cor rosa ou branca, e o Eucalol, derivado do eucalipto, era verde: o povo estranhava ... «peste de sabonete verde»... Para tentar aumentar as vendas, o fabricante lançou um concurso de poemas, onde o tema era o próprio sabonete Eucalol! Os vencedores tinham prêmios em dinheiro, e publicações na famosa revista Fon-Fon - publicada no Rio de Janeiro, mas com distribuição nacional - como a rima que venceu o primeiro prêmio, em 1928:

"Banho, para uns, é de sol;
Outros de mar o preferem;
Uns banho de igreja querem,
Mas eu cá todo me assanho
Se penso em tomar um banho
Com sabonete EUCALOL»

Porém, nem assim o sabonete vendia. Foi quando os irmãos Stern lembraram-se de que na Europa, as estampas Liebig eram famosas e resolveram lançar as estampas Eucalol, em 1930. Foi um sucesso grande em todo o país (vinham com o sabonete e o Creme Dental Eucalol), o que trouxe o crescimento para a empresa. As primeiras séries das Estampas Eucalol tiveram temas brasileiros: A VIDA DE SANTOS DUMONT, EPISÓDIOS NACIONAIS, PRODUTOS DO BRASIL, CACHOEIRAS DO BRASIL, AVES DO BRASIL, intercalados com outros, mais universais, como DON QUIXOTE e COMPOSITORES CÉLEBRES. Séries como HISTÓRIA DO BRASIL e LENDAS DO BRASIL eram usadas em escolas pelo Brasil como material didático. O artista Percy Lao, por t e r trabalhado durante muitos anos no IBGE fazendo desenhos temáticos brasileiros, ilustrou a s é r i e VIAJANDO NO BRASIL, que apresenta 6 estampas coloridas com motivos regionais de cada estado.

Após a 2ª Guerra Mundial a concorrência aumenta, com empresas estrangeiras vindo para o Brasil. Em 1957, para reduzir custos, é terminada a impressão das Estampas Eucalol. Ainda assim, empresa não suportou a concorrência e em 1978 foi vendida. Em 1980, vai à falência. O último tema impresso foi ESCOTISMO, até hoje muito procurado pelos colecionadores. No período de produção das estampas, foram 54 temas distribuídos em 2.400 estampas. Esta forma curiosa de representar o Brasil, e inclusive nossa região, fez parte da vida brasileira durante quase 30 anos, deixando boa lembrança nos vovôs de hoje, crianças naqueles tempos.

Para se informar mais, veja:
"O que são Estampas Eucalol» de Samuel Gorberg no sítio www.brasilcult.pro.br
http://carissimascatrevagens.blogspot.com

Imagem do Fundo: Reprodução de publicidade do sabonete Eucalol

Essa veio de longe: a chata «Ferroviária»

Essa foto, aí do lado, veio bater aqui na redação do A Margem, através de nosso colega de Brasília, o Heitor Chaves, grande modelista de embarcações tradicionais brasileiras, e apreciador do patrimônio naval do São Francisco. Foto rara, provavelmente do final dos anos 50, meio dos 60. Para falar mais sobre a chata «Ferroviária», a ilustre fotografada, fomos ter prosa com S. Eduardo de Carlito, canoeiro velho da «Leontina», lá do Colégio. Atualmente S. Eduardo é o piloto do catamarã do governo Sergipe que opera em Brejo Grande, nos passeis para a foz. O homem pegou a foto, olhou: «...dormi muito aí embaixo...essa canoa, sabe na onde ela está? Foi se acabou-se? Lá naquela prainha de Penedo, bem na frente da delegacia...era uma canoa de mil sacos, funda - ninguém me via tanta era a altura, e o dono, o Zé de Bida, antes de ela se acabar, botou na loteria, para vender...cada bilhete era um conto de réis, num valor total de cem contos...que vendeu peste nenhuma. A canoa se acabou-se ali mesmo, entre 68 e 70. Era vagarosa que só a gota, botava, quando o rio tava puxado, do Betume a Penedo era dois dias...tinha que subir com a maré encheno senão não subia...pense numa viagem ruim. Lá para Piranhas, era numa base de oito dias, carregando sal...tinha que ter vento...esse negão aí na proa, era o piloto dela, mas me esqueci do nome dele, com certeza S. Raul, lá de Pão de Açúcar, da «Mercedes» deve se alembrar...pois era uma canoa liviana, tinha cimento no fundo, para não adornar...para a água chegar pelo meio do costado era um custo, pois era cargueira, parecia uma cumbuca...era verde, com o fundo vermelho e a faixa branca... «Ferroviária»...às vezes, eu chegava em Penedo, e dormia dentro dela...tinha tanta canoa boa ali, pela Passagem...a «Brasiliana», de 400 sacos, a «Nova Conquista», de Tonho Grande, também de 400 sacos, que acabou-se pela banda do sertão, no Mato da Onça»...

Foto: Via Heitor Chaves/arquivos Canoa de Tolda/Rio de Baixo

CANOA DE TOLDA
SOCIEDADE SOCIO-AMBIENTAL DO BAIXO SÃO FRANCISCO

Foto: Carlos Eduardo Ribeiro Jr./Canoa de Tolda/Rio de Baixo

"Luzitânia"

canoa de tolda de 250 sacos

Ô de fora, pode se chegar, mas do jeitinho certo

Turismo comunitário, como uma possível alternativa para as comunidades ribeirinhas

Reportagem: IONARA TORRES e FABRÍCIO VASCONCELOS - Estudantes de Turismo da UFAL/Penedo
Imagens: Canoa de Tolda/Rio de Baixo, Ionara Torres e Fabrício Vasconcelos

Em 1841 o inglês Thomas Cook organizou uma viagem de trem entre Londres e Glasgow (se pronuncia glásgou), na Escócia, com 570 pessoas que se dirigiam para um congresso sobre alcoolismo. Esse foi o primeiro passo para o agenciamento de viagens e organização do chamado turismo de massa que, hoje, movimenta muito dinheiro. Aqui na região, o turismo vem sendo apresentado (e pouco discutido de forma participativa) como um dos milagres para a redenção dos problemas socioeconômicos do Baixo, pois seria agente para o desenvolvimento «sustentável» do lugar. Uma ilusória ideia de que a atividade turística é capaz de garantir o desenvolvimento local de forma rápida e sem poluir, através da qualificação de «industria sem chaminés». Será que se esqueceram de que os aviões, um detalhe na história, nesse vai e vem, contribuem de forma significativa para o efeito estufa e alterações na camada de ozônio? Pois.

Viajar nunca foi tão fácil como atualmente: a cada dia surgem novas propostas de viagens a preços baixíssimos, parcelados em inúmeras vezes sem juros (será?) no cartão de crédito. Nessa modalidade de prestação de serviços, as agências de viagem vendem para um determinado grupo de pessoas os chamados ***pacotes de viagens*** fechados - nas cidades de origem, em geral nas capitais e grandes centros - com diárias completas (todas as refeições incluídas) em hotéis, negociando, ainda, com as empresas aéreas, a lotação de assentos nos aviões ou ainda seu aproveitamento durante a noite, os tais vôos ***corujões***. Em boa parte dos casos, estes viajantes nunca se encontraram antes, não são amigos e estão juntos por um interesse comum: viajar a preços ínfimos. Estas viagens em grandes grupos para um único lugar ou região por pouco tempo é o chamado **turismo de massa**, uma atividade turística que apenas vende o destino, sendo pouca a preocupação com a comunidade. Assim, muitas cidades recebem ônibus repletos de turistas em excursão, os quais, munidos de câmeras em suas mãos saem fotografando tudo o que vêem pela frente, sem olhar onde pisam e conversando pouco com os moradores da região. Apenas buscam desfrutar o aparentemente melhor ou o mais barato que o lugar pode oferecer, o que nem sempre acontece, devido ao roteiro pré-elaborado pelos **operadores** ou informantes de turismo. Estes, muitas vezes, já possuem uma rede de contatos que limita o passeio dos visitantes a lugares onde os próprios informantes recebem uma **comissão** por seus serviços. Com isso, o visitante passa apenas a conhecer uma pequena parte da localidade, sendo que a cultura local como artesanato e a gastronomia autênticos passam despercebidos nesta situação onde, muitas vezes, é feita uma "maquiagem para turistas".

Muitas vezes, o turismo se insere na região sem inclusão dos moradores locais. Desta forma, as cidades vão conduzindo suas atividades se utilizando do turismo como uma atividade de exploração e não como um fenômeno que envolva os aspectos social, econômico, ambiental e cultural. Seguindo este caminho, as cidades passam a ser reconhecidas pelo crescimento descontrolado do turismo ao invés de um real desenvolvimento «sustentável» da atividade. A busca pelo lucro fácil com esta modalidade de turismo sem planejamento impulsiona o descaso às comunidades **receptoras**, deixando de lado os valores de um turismo responsável e socialmente justo com as populações locais. Estas, neste contexto, sofrem consideráveis impactos socioambientais negativos, tais como a exclusão da comunidade de seu ambiente rotineiro, como por exemplo, quando pescadores são impedidos de usa a área da praia quando este espaço é definido para banhos de sol, ou ficam sem locais tradicionalmente coletivos, pela construção de hotéis e ***resorts*** (os grandes empreendimentos turísticos). Também o lixo deixado por turistas desatentos e despreocupados com preservação ambiental interfere diretamente na qualidade de vida da população local que fica apenas com os prejuízos e nada de dinheiro. Pior, cabe ao município o custo de dar um fim correto ao lixo «que fica», após a onda de gente, ou festas de trios elétricos. Coloquemos uma pergunta interessante: quais os municípios, aqui no Baixo, que cobram o ISS - Imposto Sobre Serviços, que é gerado pelo turismo que ocorre em nossa região? Afinal, o passeio (pago lá na capital, ou no sul, talvez), ocorre aqui, não é mesmo? E, os custos dos impactos gerados por qualquer atividade econômica (e o turismo não foge desta regra) devem, sim, ser cobertos primeiramente por aqueles que se beneficiam diretamente.

Em muitos casos a localidade não está preparada para receber estes visitantes, pois além de não contar com infra-estrutura para um número excedente de pessoas, também não obedece a um plano diretor para nortear as ações que envolvem a cidade. Entende-se que o setor público é um dos responsáveis por oferecer e investir em pesquisas de demanda turística e capacidade de carga para tal destino. Deve-se preparar a cidade para o nativo, prioritariamente e, conseqüentemente, o visitante irá sentir-se acolhido em um lugar onde os donos da casa vivem bem. No turismo, como em qualquer atividade sócio-econômica, o mais importante é que o morador local possua qualidade de vida e participe das ações que envolvam a cidade. Qualquer comunidade que deseje abrir suas portas para o turismo deve estar preparada para as transformações que esta atividade ocasiona. Deve ser feito um planejamento prévio para analisar e impedir que a atividade turística interfira de forma negativa nas perspectivas de vida da população local.

O turismo comunitário surge como uma atividade desenvolvida pela própria comunidade em respeito à preservação do meio ambiente e da cultura local, além de possibilitar a consolidação de um turismo responsável que atenda às necessidades daquelas pessoas. Pode ser uma atividade prazerosa de geração de emprego, renda e troca de experiências - a vida agitada dos grandes centros urbanos impulsiona os visitantes para regiões ambientalmente frágeis, alimentando o sonho de contato com uma "natureza intocada» e pessoas com um estilo de vida diferente. Traz, ainda, novos olhares sobre o lugar a que pertencemos, que passa a ser visto como algo que precisa ser preservado, pois os moradores reconhecem a importância do lugar onde vivem. Há a percepção dos seus atrativos turísticos para garantir uma renda que permanece na comunidade, de fato, contribuindo para a melhoria da qualidade de vida e da auto-estima das pessoas da localidade.

Aqui no baixo São Francisco podemos encontrar diversos lugares onde o modelo de turismo comunitário pode ser desenvolvido. As terras que margeiam as águas do rio São Francisco estão

Imagem do fundo: Canoa de Tolda/Rio de Baixo

Viajando pelas carreiras do rio: a estrada da água

Buscando alternativa que valorize o lugar, suas pessoas, com suas histórias e cultura, além do patrimônio natural, a Canoa de Tolda está desenvolvendo o projeto de turismo **Rota das Canoas - Navegações Tradicionais do Baixo São Francisco**. A partir das navegações com a canoa Luzitânia - inicialmente entre Brejo Grande, Piaçabuçu e Penedo, em seguida, subindo até Piranhas - os passageiros passarão a conhecer o Baixo São Francisco no mesmo ritmo de viagens de trinta, cinqüenta anos atrás, a vela. É a retomada das carreiras (rotas) tradicionais, que contavam com dezenas e dezenas de embarcações semelhantes, subindo e descendo o rio, com toda a sorte de carga e passageiros.

A idéia do Rota das Canoas é, a cada tarde, dar um porto em uma das comunidades participantes do projeto, onde, em casas de famílias selecionadas e preparadas, os passageiros poderão ter uma boa refeição regional, banho e dormida. Tudo simples, mas organizado. Ainda no local, as pessoas viajantes poderão conhecer atividades como o plantio de arroz, caminhadas na roça, na caatinga, no brejo, a história do lugar, um passeio em carro de boi, em lombo de jegue, ou ainda adquirir produtos da cidade ou povoado. Esta viagem entre a foz do São Francisco e o sertão terá duração de seis dias e é feita aproveitando-se os ventos dominantes, que botam de rio acima.

No caso da canoa Luzitânia, trata-se, ainda, de uma forma dinâmica de manter um bem tombado como patrimônio histórico nacional, ao invés de um exposição estática em algum porto ou museu. A preservação e manutenção da embarcação gera despesas não só de materiais e equipamentos, mas também das pessoas envolvidas no Projeto Luzitânia, que é voltado para a canoa. Com a Luzitânia navegando apoiada pelo Rota das Canoas, temos, também, a permanência da canoa de tolda na paisagem - já tão desfigurada - do Baixo São Francisco.

A proposta do Rota das Canoas se insere dentro de programas como o TRAF - Turismo Rural na Agricultura Familiar, do MDA - Ministério do Desenvolvimento Agrário, o qual, através do conhecido PRONAF, permite que se tenham linhas de crédito diferenciadas (Banco do Nordeste, Banco do Brasil), para que as pessoas possam melhorar um banheiro, fazer mais um quarto, comprar roupas de cama, aumentar a cozinha, ou ainda, fazer uma pequena pousada, um restaurante, tudo dentro da visão de turismo sustentável, com base comunitária, e prioridade para a valorização local, de seu modo de vida, patrimônios cultural e natural.

pacotes de viagens - é o serviço oferecido ao turista,onde praticamente todos os itens são incluídos (há variações de acordo com a época do ano - alta e baixa temporada - ou agências): deslocamentos terrestres, passagens aéreas ou de navio, hospedagem,alimentação - e em muitos casos, atrações como festas, jogos, atividades esportivas, aulas de dança, etc..

resorts - é uma palavra inglesa, já adotada em nosso português, que nomeia um sistema de hotelaria, em geral estabelecido num lugar mais isolado, que tenha uma bela paisagem, com um conjunto de hotéis de vários níveis, com piscinas, jardins, quadras de esportes, academias, etc. O turista passa a maior parte do tempo ali dentro, onde tem todas as refeições e atividades. A interação com a comunidade local é minima, pois o *resort*, que, em geral, tem sua área murada e protegida, não incentiva a troca de experiências locais.

repletas de belezas naturais, todos sabemos, além de habitadas por pessoas que podem ser inseridas nessa atividade. Como o turismo tem vários segmentos, pode-se desenvolver atividades diversas que envolvam toda a comunidade. Um exemplo disso acontece na cidade de Penedo com a COOPENEDO - Cooperativa de 1° Núcleo (na zona rural), uma associação que vive da agricultura familiar e encontrou no turismo rural uma alternativa para complementar a renda dos cooperados. O turismo rural nesta comunidade surgiu como uma proposta a um grupo de jovens que fizeram um curso com duas professoras de turismo. A partir desta nova ideia surgiu a primeira cooperativa de turismo rural de Alagoas, a Cooptur-Rural.

Alda, animada com as perspectivas da cooperativa

O presidente da entidade, Ronaldo Luiz dos Santos, explica que «a primeira etapa após aprovação do projeto foi a realização do inventário turístico, onde foram coletadas informações sobre os lotes da cooperativa (COOPENEDO). Ao mesmo tempo eram realizados cursos de capacitação, palestras, curso de Informante de Turismo (guia local) e inserção das crianças na música. Durante os estudos, o grupo participante do projeto desenvolveu a identidade rural com o dito: *...cooperação do homem com a natureza a favor da vida...* Sentindo a necessidade de evoluir em seus trabalhos os participantes criaram a Cooperativa de Turismo Rural de Penedo - COOPTUR-RURAL».

Essa iniciativa em Penedo segue de acordo com o processo de organização da comunidade, onde a distribuição por igual dos benefícios é entendida como economia solidária, como explica a cooperada Alda Bezerra uma das jovens participantes: «...o passeio eles pagam pra cooperativa e o dinheiro fica na cooperativa de turismo. Como a cooperativa só tem dois anos e alguns meses, a gente ainda não tá com condições de pagar funcionários...a gente que é colona da cooperativa ajuda como voluntário. Tem época que vem um grupo de turistas, aí a gente trabalha como voluntário, aí tem vez que ganha, depende, a cozinheira ganha uma parte, quem fica como guia, como carroceiro também ganha, cada um ganha um pouco. O último passeio que teve agora a gente teve que pagar uma conta, aí a gente trabalhou como voluntário, porque a gente ajuda a cooperativa, mas tem momentos que a cooperativa também nos ajuda. As pessoas tão acreditando nisso, já tem gente que quer entrar...aí pra entrar, tem que fazer um curso de turismo rural e cooperativismo...».

Como se vê, o desenvolvimento do turismo comunitário depende da gestão participativa dos membros da comunidade que serão os próprios articuladores e construtores da atividade. É necessário que todos se sintam capazes de cooperar e organizar estratégias para render resultados que beneficiem os desejos e as necessidades das pessoas, a cultura local e a valorização do patrimônio natural e cultural. Ainda nas palavras do presidente da Cooptur-Rural: «A comunidade participa de forma direta em todo o processo da cooperativa, cada um com suas funções: artesãs, informantes de turismo, cozinheiras, proprietários de lotes, carroceiros etc. além de participar e discutir sobre a gestão da mesma». Nessa cooperativa, os colonos buscam transformar suas riquezas naturais e construídas em atrativo para os turistas. A cooperada Alda Bezerra explica quais são os atrativos e como é feito o serviço para os turistas: «... tem as trilhas, nos lotes de alguns associados, e a visita também na cachoeira e também a visita no minador... tem o passeio com as carroças por aqui, a visita às casas de farinha elétrica e a manual... E também assim, quando eles vão para a trilha, é sempre na mata, eles oferecem lanche, o almoço é servido aqui mesmo na sede... Aí a gente bota outras coisas pra vender, coisas da gastronomia como doce e salgado, artesanato - essa parte é por fora caso alguém queira comprar... Tudo isso é da região, no caso o suco, a galinha de capoeira, o pirão, o feijão tropeiro também, é tudo daqui da região...».

A divisão do dinheiro arrecadado com os passeios é feita entre os colonos sendo priorizadas as necessidades básicas da comunidade e o lucro é dividido entre seus associados. Isto é uma das formas do turismo responsável, onde o nativo participa diretamente do processo de criação e desenvolvimento de ações que interferem em suas vidas. A valorização do trabalho participativo gera cidadãos conscientes de suas possibilidades como empreendedores e responsáveis pelo destino que vão dar ao seu lugar.

Todos os envolvidos com a atividade do turismo precisam conhecer, primeiramente, suas próprias realidades afim de realizar um trabalho que garanta satisfação pessoal e coletiva.

Veja ainda:
www.mtur.gov.br
www.cooptur-rural.com
www.redetraf.gov.br
www.planejamento.al.gov.br/apls/caminhos-do-sao-francisco
www.codevasf.gov.br/osvales/vale-do-sao-francisco/

turismo rural - nesta atividade, não necessariamente comunitária, as pessoas vão em busca da vida simples no interior, se hospedando em fazendas, pequenas pousadas ou em casas de família. Ali, participam, muitas vezes, de atividades locais como colheitas, fabricação de vinho, por exemplo, tendo melhor conhecimento da realidade local.

turismo de aventura - O turismo de aventura é praticado em ambiente urbano ou natural, onde o turista busca desfrutar de seu lazer com a prática de atividades esportivas, dinâmicas, como: canoagem, mergulho, salto de páraquedas, navegação a vela, ciclismo, caminhadas, entre outros.

Ecoturismo - É uma modalidade do turismo onde se pratica a formação da consciência ambiental ao mesmo tempo em que o visitante pode conhecer algumas características do destino visitado. Em geral ocorre em locais onde é grande o controle de acesso de pessoas, com parques e áreas de preservação, para que os impactos sejam mínimos.

Turismo sustentável - Esse tipo de turismo ocorre quando existe um planejamento para o uso dos recursos natural, social, econômico e cultural de uma região ou localidade. O uso dos atrativos é realizado de forma a garantir a preservação do meio ambiente e a inserção da comunidade local nesse processo.

Turismo cultural - Atividade turística onde o visitante busca conhecer o elementos históricos culturais de uma determinada localidade.

Agora, pense como este jornal chega até aí!

Texto: CARLOS EDUARDO RIBEIRO JR. Fotoreportagem de: DAIANE FAUSTO DOS SANTOS e VAGNER AUGUSTO LIMA Fotos de apoio: CARLOS EDUARDO RIBEIRO JR. / CANOA DE TOLDA / RIO DE BAIXO SEXTA PARTE

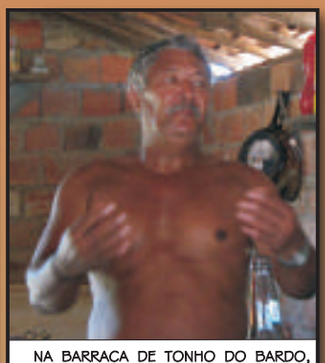
BELOMONTE AINDA TEM UM BELO CASARIO, RELATIVAMENTE BEM CONSERVADO, O QUE ESTÁ FICANDO MUITO RARO, AQUI NO BAIXO SÃO FRANCISCO

A SERRA DOS MEIRUS, NO CENTRO DE PÃO DE AÇÚCAR E PRINCIPAL ACIDENTE GEOGRÁFICO - SE VÊ DE LONGE -, VAI FICANDO PARA TRÁS.

NO BEIÇO DO RIO, ABAIXO DA JÚLIA, EM FRENTE À VARZINHA, A RETIRADA IRREGULAR DE AREIA, COMPROMETENDO UM LUGAR AINDA NÃO TÃO DEVASTADO: A FISCALIZAÇÃO NÃO EXISTE.

E CHEGAMOS AO PORTO DA BARRA DO IPANEMA, ONDE A IGREJA DE NOSSA SENHORA DOS PRAZERES, NA ILHA DO MESMO NOME, É UM MARCO NA HISTÓRIA DE TODO O BAIXO SÃO FRANCISCO. PORÉM, HÁ MUITO LIXO NA BEIRA DO RIO, O QUE PIORA NAS FESTAS.

ALI NA BARRA, QUEM DISTRIBUI O JORNAL É A BEL DE MARINALVA, QUE TAMBÉM ESPALHA PARA OS PROFESSORES DA ILHA DO OURO, DO OUTRO LADO DO RIO. DE ACORDO COM BEL, O POVO ESTÁ GOSTANDO DO JORNAL, E SEMPRE PERGUNTA «QUANDO É QUE CHEGA O NOVO?...» ISTO É MUITO BOM, E DÁ SATISFAÇÃO.

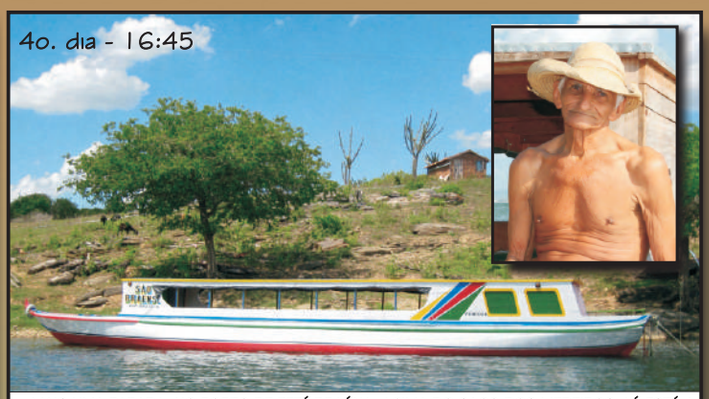


NA BARRACA DE TONHO DO BARDO, CANOEIRO VELHO DA MARGEM, UM TEMPO PARA UMA PROSA BOA, COM UMA PESSOA QUE SABE VER AS COISAS. «O RIO TÁ ACABADO...», DIZ TONHO. É VERDADE.

DE PROA PARA BAIXO, LÁ VEM O RETÃO DO AIÓ, LUGAR ONDE GENTE COMO ANFRÍSIO E ARIEL, JÁ PESCOU MUITA PILOMBETA. NO VERÃO O VENTO ASSOPRA DURO, E A MAROADA LEVANTA ALTA.

QUANDO DÁ SETEMBRO, AS CRAIBEIRAS FLORAM. QUANDO TINHA, ERA O TEMPO DAS TUBARANAS GRANDES, BRINCANDO NA ÁGUA.

MAIS ABAIXO, NO ASSENTAMENTO DA JACOBINA, O A MARGEM É DEIXADO PARA PROFESSORES E GENTE DA COMUNIDADE.



MAIS UMA PARADA, NO PORTO DE ZEZÉ BRAÚNA, ACIMA DO SACO DOS MEDEIROS. LÁ ESTÁ A «SÃO BRAENSE», LANCHA BONITA, ZELADA, QUE JÁ FOI CHATA, E TAMBÉM ANDOU UM BOCADO PELA MARGEM DO RIO. HOJE É SÓ LEMBRANÇA DA NAVEGAÇÃO TRADICIONAL NESTE RIO.

PORTO DO CAZUQUI. PORTO ANTIGO, ONDE LAMPIÃO PASSOU MUITAS VEZES PARA ATRAVESSAR PARA SERGIPE. ERA, NAQUELE TEMPO, UM LUGAR ESCONDIDO: SÓ IA ALI QUEM TINHA O QUE TRATAR. AINDA HOJE É PEQUENO. MAS, MUITO BONITO.

DO POVOADO CAZUQUI, SE TEM UMA VISTA ATÉ GARARU, PASSANDO PELA GENIPATUBA E CABACEIRO. ALI, AS RESPONSÁVEIS PELO JORNAL SÃO AS IRMÃS DANIEIRE E DENISE.

AtÉ A CASA DAS MENINAS, É UM CHÃOZINHO E SOL NA CABEÇA, POIS SEMPRE SE PASSA ALI NO MEIO DO DIA. AS CERCAS DE PEDRA MOSTRAM COMO O LUGAR VEM DE OCUPAÇÃO ANTIGA.

CONTINUA NA PRÓXIMA EDIÇÃO